

## **MEU GÊMEO NÃO QUIS TRAVECAR E FOI UO PRA ELE: perspectivas sobre a possibilidade de uma não binariedade cisgênera<sup>1</sup>**

**Ayira Sizernando Liberato (PPGA - UFPB)**

**Fellipy Sizernando Liberato (UFPE)**

Esses dias participamos de um evento de mulheres lésbicas e bissexuais da Paraíba, onde esteve presente um integrante do movimento não binário paraibano. Na ocasião, ele fez uma fala sobre a necessidade de pessoas não binárias retificarem o nome e gênero para serem reconhecidas nas políticas públicas. Segundo ele, esse ponto aproxima o movimento não binário do movimento trans/travesti, já que a comunidade não binária inclui tanto pessoas cisgêneras quanto transgêneras. Ao fazer menção a esse fato, o nosso interlocutor acabou revelando a compreensão do movimento não binário paraibano sobre a existência de pessoas não binárias cisgêneras.

Essas e outras discussões na atual "Ágora da contemporaneidade", o "X", ou antigo Twitter, motivam a sistematização das ideias discutidas neste artigo, cujo objetivo é discutir a possibilidade de existência de uma não binariedade cisgênera. Para tal, será apresentado o conceito de cisgeneridade e comentaremos acerca da experiência pessoal dos autores.

É importante situar o leitor que pretende se desbravar nessa leitura, que esse é um artigo escrito em conjunto por duas irmãs gêmeas e que ambas recusam o projeto "academicuzinho" (LIBERATO, 2022) de ideal intelectual. Discutimos nesse artigo a partir de uma linguagem falha e que não pretende alcançar proposições fechadas. Pedimos atenção ao leitor, pois algumas vezes a escrita está em primeira pessoa e essa primeira pessoa pode ser Ayira ou Fellipy, mas temos certeza que vocês não terão dificuldades de entender de quem se trata.

A cisgeneridade é um conceito que surge teoricamente em contraposição à ideia de transgeneridade, quando os estudos transfeministas apontaram a necessidade de definir o que não é trans, tendo em vista que

se existimos, com direito a nome inclusive, as pessoas que não são nós (e a partir das quais fomos nomeadas "trans") talvez precisassem de um nome também, um nome não que lhes desse existência (afinal, quem cogitaria duvidar que, por não terem nome,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

inexistem?), mas sim um que explicitasse a razão de nos terem definido enquanto quem cruza, traspassa (trapaça?), transgride uma certa linha, a saber, aquela que separa homem de mulher (MOIRA, p. 367)

Assim, cisgênero passou a representar aquelas pessoas que se conformaram com o gênero designado ao nascer. Vergueiro (2020), em sua tese de doutorado, construiu grandes esforços, bem sucedidos, para definir sistematicamente do que se trata esse conceito “cisgeneridade”, para a autora três pontos definem: 1) a pré-discursividade; 2) a binariedade; e 3) a permanência.

O primeiro ponto refere-se ao discurso que pressupõe a existência de um sexo biológico determinado, predestinando o gênero desde antes do nascimento. O segundo ponto, a binariedade, sugere que existem apenas dois gêneros "naturais": homem/mulher. Por fim, a cisgeneridade fundamenta-se na permanência do gênero, ou seja, não há possibilidade de fluidez entre esses gêneros.

Portanto, o rompimento com a cisgeneridade é, fundamentalmente, discursivo, ou seja, representa uma contraproposta discursiva às identidades de gênero impostas. Por exemplo, se "ser trans" é definido pelo uso de determinadas roupas, o que seriam roupas trans ou não binárias? Se ser travesti é associado à necessidade de implantes de silicone ou à remoção de barba, como lidar com travestis que não optam por essas mudanças? Se ser não binário é caracterizado por uma identidade corporal não binária, estaríamos afirmando que há uma imagem corporal masculina ou feminina? Esta é, portanto, a questão central deste artigo: o que define, ou não, a existência de pessoas não binárias cisgêneras?

É evidente que este debate é mais complexo do que parece. Qualquer definição que busque enquadrar pessoas trans em estereótipos é redutora por si só. Além disso, o rompimento discursivo, por si só, também não é suficiente. Não basta afirmar que se sente trans para ser considerado trans. É importante perceber que “a ênfase na identificação, na auto-identificação, desloca a discussão que venho propondo aqui do âmbito do político, do social para o do indivíduo, do subjetivo, coisa a que temos muito menos acesso.” (MOIRA, 2017)

Bagagli (2021) traz para o debate as críticas feitas pelas teorias feministas radicais ao conceito de cisgeneridade, argumentando que este "prescreveria ou pressuporia que o alinhamento entre identidade de gênero e as expectativas sociais quanto ao gênero seria

absoluto ou sem falhas" (p. 59), o que não corresponde à experiência real de gênero, mesmo entre homens e mulheres cisgêneros, que muitas vezes não conseguem reproduzir os padrões estabelecidos de maneira completa. Portanto, é ingênuo reduzir o conceito de cisgeneridade, o que reflete como muitos teóricos ainda veem as pessoas trans, tentando enquadrá-las dentro do que é ou não "ser trans".

Meu primeiro contato com pesquisas sobre travestilidade na universidade foi através do artigo "'Se pudesse resurgir, viria como o vento'. Narrativas da dor: corporalidade e emoções na experiência da travestilidade", de Figueiredo (2011), onde a autora cisgênera colocava o sofrimento como essencial na trajetória travesti. Este foi meu primeiro contato com o que estava sendo escrito sobre nós, e me lembro de projetar que esse seria meu marco na universidade e na vida: a rejeição da dor enquanto semântica travesti.

Portanto, o objetivo deste trabalho é abrir caminhos para que as possibilidades de ser trans e ser cis possam ser discutidas, repensadas e até mesmo vividas. Não quero reiterar o que neguei no início da minha jornada acadêmica, embora compreenda que muitos caminhos nos levam às mesmas armadilhas teóricas.

Retomando o assunto deste texto, se a auto-identificação não é suficiente para ser considerado trans, o que está implícito materialmente na transgeneridade? Quando proponho o rompimento discursivo como ponto chave para a transgeneridade, é porque nossa realidade se dá principalmente no discurso: prontuários médicos, listas de presença, documentos - tudo o que conhecemos e como conhecemos é acessado através do discurso. Bagagli (2021), por exemplo, afirma que:

"Os traços de gênero, portanto, tendem a ser interpretados de forma marcada em pessoas trans, pois a identidade transgênera não corresponde às expectativas sociais do gênero designado ao nascimento. Assim, os traços de gênero são vistos como não marcados quando estão presentes em pessoas cisgêneras, ou seja, são percebidos com menos atenção e, portanto, não reforçam estereótipos da mesma forma que pessoas transgêneras." (p. 63)

Dessa forma, a cisgeneridade assume uma característica particular: neutralidade. Enquanto "trans" representa aqueles que atravessaram a margem, "cis" refere-se àqueles que não atravessaram ou optaram por não atravessar (MOIRA, 2017), usando o verbo "optar" para descrever aqueles que não apenas permaneceram no gênero designado ao

nascimento, mas que também não sentiram a necessidade de atravessar ou transicionar, que se negaram a transicionar.

Qual seria então essa atitude? Do que se trata, materialmente, o rompimento com esse discurso? Penso sobre aquilo que nos define como sujeitos em nossa sociedade, como, por exemplo, o trabalho. Se uma pessoa designada como homem ao nascer e chamada João se identifica como não binária e, durante uma entrevista de emprego, aceita ser chamada por João e usar pronomes ele/dele, essa pessoa, em certo sentido, escolhe não atravessar a barreira de gênero.

Esses dias, meu irmão gêmeo conversou comigo sobre como ele não se via totalmente dentro do espectro binário masculino, reconhecendo também a parte feminina que habita nele e se identificando como pessoa não binária, ele me disse que era bixa demais pra ser homem. Um conceito importante desta conversa é a ideia de "bixa", que aqui devemos relacionar principalmente a pessoas racializadas e/ou marginalizadas, o que diferencia "bixa" de "gay", por exemplo.

Aqui reconheço uma trajetória de fluidez do gênero em que não me sinto dentro dos conformes de permanência cisgênero, mas que ainda assim consigo permanecer confortável com alguns desses recursos que me confere privilégios frente a existência travesti da minha irmã em que o ser travesti profere a ela uma comunicação em sociedade atravessada pela negação com as conformidades das expectativas cisgêneras;

Eu quero afirmar que quando a comunicação falada ocorre, a fala ocorre, ou espera-se que ocorra, apenas quando aqueles presentes uns aos outros se juntam num tipo especial de associação ritualmente bem marcada, um tipo especial de amontoado que podemos começar a pensar como um círculo conversacional. Quando ocorre uma impropriedade, como uma gesticulação maneirista, isto se toma digno de nota, e é notado não porque algo está sendo comunicado, mas porque as regras que tratam de como devemos nos comportar quando na presença de outros são quebradas. A comunicação verbal e não verbal é algo afunilado através de outra coisa. (DUMARESQ, 2016, P. 124)

Reflico sobre como minha existência também é atravessada por marcas próprias como ser preto com uma tatuagem na cara com o nome SIZZERR escrito de ponta a ponta das bochechas, uma comunicação cheia de trejeitos e pajubás, em que não me é possível assumir o ideal de homem cis, mesmo existindo dentro de conformidades como assumir o nome de registro, performar trejeitos de masculinidade, me sentir confortável lido enquanto o gênero que me foi designado ao nascer e com os pronomes ele/dele em ambientes institucionais, religiosos e sociais, com isso observo que:

a construção analítica de cisgeneridade – um processo discursivamente resistente – é fundamentada sobre a percepção de que conceitos sobre corpos e identidades de gênero são constituídos (não somente, mas necessariamente) a partir de distintos contextos socioculturais – contextos ainda múltiplos, apesar dos projetos, esforços e dispositivos coloniais eugenistas e etnoculturocidas –, e assim esta construção analítica deve ser maleável e abrangente o suficiente para enfrentar criticamente toda epistemologia, metodologia e proposta política+sociocultural colonialista. (VERGUEIRO, 2016)

Durante nossa infância, brincamos juntas em muitas brincadeiras, desde castelos de princesas, onde éramos duas princesas, até playbacks de Beyoncé e Rihanna, usando maquiagens e saltos de nossa mãe, com uma toalha na cabeça fingindo ser cabelo. Ao longo do meu próprio processo de descoberta e experimentação de transição, compartilhamos essas experiências juntos. Por exemplo, o primeiro "trikini" (uma peça composta por três faixas de tecido muito curtas, em formato de maiô, que cobre os seios e o genital) que usei foi com meu irmão. As primeiras experimentações com maquiagem, roupas, tudo isso fizemos juntos. Mas um ponto importante é que meu irmão não optou por transicionar (o que foi uó para ele). Então, onde ficam essas experiências vividas até então? Devem ser ignoradas como parte da construção de nossas identidades, ou continuam a ser parte do que nos define?

Eu não me desvencilhei de quem já fui um dia, mas me tornei algo novo, assim como também minha irmã, quando se torna travesti, esse que para mim foi um período de muitas reflexões discursivas visto que Ayira transiciona em um período onde também algumas amigas nossas, transicionam juntas. O confronto com os privilégios cis dos lugares que eu mantive o acesso emergiram através dos encontros com pessoas em processo de transição e esse momento foi fundamental para que me entendesse como estou hoje, esse viadão maluco.

Nós sempre compartilhamos uma conexão profunda desde a infância, explorando juntos um mundo de possibilidades que desafiavam as normas de gênero convencionais. Brincávamos sem restrições em nossa casa, criando histórias de princesas e divas do pop com a mesma liberdade com que moldávamos nossas identidades. Esses momentos de brincadeira não apenas nos uniram, mas também plantaram sementes de autodescoberta que floresceriam mais tarde em nossas vidas.

É importante destacar que Fellipy, apesar de reconhecer a sua não-binaridade, optou por não seguir um processo de transição física. Essa decisão, no entanto, não

invalida as experiências compartilhadas de explorar e desafiar as fronteiras de gênero desde jovens. Essas experiências continuam a ser uma parte integral da nossa trajetória de vida, construindo quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

A questão da não-binariedade cisgênera levanta discussões profundas sobre como as identidades de gênero são formadas e reconhecidas socialmente. A cisgeneridade é frequentemente associada à neutralidade, pois representa aqueles que não atravessaram ou não sentiram a necessidade de atravessar os limites impostos pelo gênero designado ao nascimento. No entanto, isso não significa que a cisgeneridade seja estática ou imutável; muitos indivíduos podem se identificar como cis e ainda assim desafiar as expectativas de gênero em suas vidas diárias.

Segundo DUMARESQ, a travestilidade – como qualquer categoria de gênero – é uma identidade transversal. Enquanto a travestilidade é uma presença praticamente onipresente nos ambientes e situações sociais, o cisgênero é visto como algo não problemático ou típico. A expressão "presença praticamente onipresente" sugere que há espaços e situações sociais onde as travestis podem passar despercebidas, ou pelo menos não são as únicas em destaque, como ocorre em lugares predominantemente ocupados por homens e mulheres cis e brancos. Esses são os espaços onde também se encontram outras travestis, homens trans, pessoas não binárias, LGBTQIAPN+, pretos e pessoas cis. Este espaço não é geográfico, mas sim de acolhimento e refúgio, onde a exceção se torna a norma e as normas de gênero são constantemente desafiadas.

"Tudo nos leva a crer que estamos cercadas, que onde há nação há brutalidade, e onde há brutalidade, nós somos o alvo. Mas nós também estamos onde a mira não alcança, porque embora não haja exílio, há a fuga. A fuga é para onde estas palavras rumam. A fuga é onde nos encontramos." (MOMBAÇA, 2021, p. 10 e 11)

Ao examinarmos as dinâmicas da cisgeneridade, é essencial considerar como essas identidades se manifestam e são reconhecidas em diferentes contextos culturais e sociais. Através do compartilhamento de experiências pessoais e da reflexão teórica, podemos ampliar nosso entendimento sobre as complexidades da identidade de gênero e abrir espaço para que novas vozes sejam ouvidas e compreendidas dentro do espectro não binário.

Essa jornada de exploração e reflexão continua a nos desafiar a reexaminar e reconceituar o que significa ser não binário em um mundo que frequentemente impõe categorias rígidas e binárias. Ao abraçarmos a diversidade de experiências dentro da não binariedade, estamos não apenas desafiando normas obsoletas, mas também construindo um caminho mais inclusivo e compassivo para todos os indivíduos, independentemente de como escolham se identificar.

O ponto central deste texto é que a cisgeneridade apresenta falhas e que o rompimento com a binariedade pode ser uma prática descolonial na percepção do que constitui o gênero. Assumir um modo de vida e experimentar o gênero longe da binariedade é, antes de tudo, uma escolha sobre como viver o mundo, seja nas relações afetivas, na expressão de gênero ou na simples observação dos ciclos.

Romper com a binariedade pode ser uma decisão dentro da cisgeneridade, mas isso não necessariamente significa romper com a própria cisgeneridade. Pois antes de tudo é necessário identificar e abrir mão dos elementos que materialmente constroem um corpo cis. A experiência de uma pessoa trans implica atravessar a linha do gênero, refletindo na forma como ocupamos espaços públicos de nossas vidas, enquanto o rompimento com a binariedade se relaciona ao aspecto privado, algo que frequentemente não é acessível.

Por fim, compreendemos que este artigo pode ser bastante complexo e até criticado, mas não buscamos estabelecer verdades absolutas. Escrevemos para instigar discussões, ampliar o debate e, se necessário, convidar outras pessoas a responderem, comentarem, discutirem e questionarem. Não temos a intenção de negar a existência de pessoas trans não binárias – elas existem – mas sim de explorar a possibilidade de uma não binariedade dentro da cisgeneridade.

## **REFERÊNCIAS**

BAGAGLI, B. Abordando estereótipos de gênero e cisgeneridade: entre a subversão e resistência nos discursos transfeministas e feministas radicais trans-excludentes. *Leitura*, n. 69, p. 55-68, 2021

COELHO, C. **Um paralelo crítico entre a trajetória de gênero e cisgênero.** 2017. Disponível em: <http://brasil.transadvocate.com/sexo/um-paralelo-critico-entre-a-trajetoria-de-genero-e-de-cisgenero/>. Acesso em: 10out. 2018

DUMARESQ, L. Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênera). **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 121-131, 2016

LIBERATO, A. **É PRECISO ESQUECER QUE SOU UMA TRAVESTI: Sobre afetações trans do eu-só, ao eu-comunidade.** Trabalho de conclusão de curso do Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

MOIRA, A.R.O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017.

MOMBAÇA, J. Não Vão Nos Matar Agora. **Cobogó**, n. 1 p. 10-11, 2021.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação de Mestrado do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Poscultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015.